

**A SEMANTICA DAS PALAVRAS CONSTRUIDAS:
NOVA PERSPECTIVAÇÃO DA POLISSENNIA**

1. A presente comunicação é largamente baseada numa dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa, durante o corrente ano, com o título: «A formação dos adjectivos em anti- em português». Este estudo foi realizado com base no modelo de morfologia generativa, associativo e estratificado, proposto por Danielle Corbin da Universidade de Lille III (cf. bibliografia) e nele se partiu de um corpus de cerca de 500 adjectivos em anti- registados em dicionários de língua corrente e recolhidos em jornais e outras publicações periódicas.

Ao apresentar esta comunicação, o meu objectivo principal é demonstrar como o estudo das palavras construídas, feito com base num modelo morfológico de tipo associativo, permitiu explicar a sua polissemia, dando conta dos factores que condicionam o desdobramento do significado lexical. Por outras palavras, pretendo mostrar como a polissemia dos derivados pode ser explicada pela sua história derivacional, desde que se tenham em conta três factores fundamentais, a saber:

- i. o semantismo próprio da Regra de Construção de Palavras (de agora em diante, RCP) em causa;
- ii. as propriedades semânticas do afixo a considerar;
- iii. as propriedades semânticas das bases de derivação.

Esta comunicação pretende, no entanto, ser tão só uma amostragem dos resultados obtidos no referido estudo.

Com esse objectivo, começarei por definir o conceito de palavra construída usado e farei uma descrição de uma parte da polissemia apresentada por um dos tipos de adjectivos em anti- estudados.

Num segundo momento, darei conta do contributo dado por aquela que é geralmente conhecida como semântica dos protótipos para o estudo da semântica destas palavras construídas e mostrarei como esta perspectiva de análise, e os próprios conceitos de protótipo e de estereótipo, associados aos de extensão e intensão, permitiram explicar a polissemia descrita, bem como abrir pistas para posteriores estudos no âmbito da morfologia derivacional e da própria lexicologia.

2. Uma **palavra construída** é, no quadro do deste modelo, uma palavra cujo significado é inteiramente composicional em relação à sua estrutura interna, e esse significado releva da aplicação a uma categoria lexical maior (a base de derivação), de uma operação derivacional (efectuada por uma RCP), associando uma operação categorial, uma operação semântico-sintáctica e uma operação morfológica (cf. CORBIN, D. (1987: 6)).

As palavras construídas são portadoras de um significado previsível, aquele que resulta da conjugação dos três factores (i., ii., iii.) enunciados em 1. e de um significado atestado, aquele que aparece registado nos dicionários.

Em muitos casos, estes dois significados não são coincidentes; tal facto é explicável por factores diversos que, dada

a brevidade que me é imposta, não poderei especificar e exemplificar.

Uma palavra construída, sendo, pois, portadora de um significado previsível, básico (o seu sentido «próprio», relevando da sua estrutura interna), constitui-se pois como domínio privilegiado para o estudo dos mecanismos que permitem explicar a sua polissemia (cf. 3)⁽¹⁾.

2.1. Na dissertação referida, chegou-se à conclusão de que apenas existe um prefixo anti- em português, integrado numa RCP_{OPOS} (Regra de Construção de Palavras cujos derivados exprimem a oposição) e que poderá ser representada do seguinte modo:

RCP_{OPOS}: RC: Nome -> Adj.
OS: Adj. = "contra Nb / que se opõe a Nb"
OM: prefixação por meio de anti-.⁽²⁾

Todos os adjectivos em anti- têm, pois, como base de derivação substantivos. Em antitanque_A, no contexto «arma anti-tanque» (arma "contra / que se opõe ao(s) tanque(s)"), o facto de a base de derivação ser tanque_N não levanta quaisquer problemas. Porém, o mesmo não se pode dizer de antifascista_A, em «lutador antifascista» (lutador "que se opõe ao fascismo/ ao(s) fascista(s)"), onde o facto de uma das bases de derivação ser fascismo_N⁽³⁾, tem que ser explicado por mecanismos formais do modelo de análise assumido, designadamente o recurso à integração paradigmática (cf. CORREIA FERREIRA (1992: 46-65)).

Não me deterei, contudo, na explicação deste mecanismo, dado não ser esse o objectivo da presente comunicação.

2.2. Embora todos estes adjectivos tenham por base unidades da mesma categoria, verificou-se que, se para alguns apenas se encontrava um significado atestado, na maioria dos casos, o adjectivo apresentava dois ou mais significados, isto é, a maioria destes adjectivos são polissémicos. Por outras palavras, apenas os adjectivos cuja base é um substantivo abstracto (designando uma ideologia, uma religião, sistema sociopolítico, etc. - ex: comunismo_N, leninismo_N), são monossémicos (anticomunista_A: "contra / que se opõe ao comunismo"; antileninista_A: "contra / que se opõe ao leninismo"⁽⁴⁾).

Atente-se agora nos adjectivos: antitabaco e antiaborto.

A partida, o significado previsível destas unidades será "contra / que se opõe a Nb", sendo Nb o substantivo-base da derivação em anti. No entanto, Nb pode ser alvo de leituras distintas, resultando daí a polissemia do adjectivo derivado (de agora em diante, Ad).

Antitabaco_A realiza, então, dois significados, conforme se verifica nos contextos seguintes:

a) <herbicida antitabaco>: "contra o tabaco (planta herbácea da família das Solanáceas...)";

a') <atitude antitabaco>: "contra o tabaco (tabagismo: uso/abuso do tabaco)".

Atenemos agora no que acontece com antiaborto_A, que realiza os seguintes significados:

b) <medicamento antiaborto (ou antiabortivo)>⁽⁵⁾: "contra / que se opõe ao (evita o) aborto (fenómeno fisiológico)";

b') <manifestação antiaborto>: "contra o aborto (interrupção voluntária da gravidez)".

Sendo os significados à partida esperados destes adjectivos os enunciados em a), e b), a questão que se punha era a de saber de onde surgem os seus segundos significados (a'), e b')) e até que ponto estes últimos eram ou não previsíveis, ou, por outras palavras, até que ponto eles são regulares.

Ora, dado a RCP estudada ser apenas uma, a RCP_{OPOS} e dado apenas se ter tido em consideração o prefixo anti-, este efeito teria que ser resultante da natureza semântica das bases.

3. Um substantivo é portador de um conjunto de traços de significação, que constituem a sua intensão. Esses traços de significação correspondem em larga medida a propriedades que caracterizam a instância referencial que é designada pelo substantivo. Ora, nem todas as propriedades são igualmente relevantes para a delimitação de uma categoria: algumas delas são mais típicas da categoria, enquanto outras são pouco relevantes para a categorização⁽⁶⁾.

A totalidade da intensão de um substantivo comum reenvia para uma classe de referentes (que pode ser representado pelo protótipo-melhor exemplar da categoria, isto é, a entidade concreta que melhor representa essa categoria (cf. KLEIBER, G. (1990: 47-48)). Essa classe de referentes constitui a extensão do substantivo⁽⁷⁾.

As propriedades referenciais dos substantivos podem ser de três tipos:

- propriedades pragmáticas: as que relevam da aplicação prática a situações da vida corrente (ex.: para a categoria tabaco: "pode ser manufacturado de modo a ser fumado", "o seu consumo prejudica a saúde");

- **propriedades perceptíveis sensorialmente** (ex.: para a mesma categoria, "tem grandes folhas verdes", "quando seco, é aromático");

- **propriedades definicionais**: as que relevam do conhecimento científico e, que, portanto, não fazem parte do conhecimento do comum dos falantes (ainda para tabaco, "pertence à família das Solanáceas") (cf. CORBIN, D. & P. (1991)).

A estas devem acrescentar-se ainda as **propriedades estereotípicas**: as expectativas socialmente consensuais que se associam a determinados conceitos (ex.: espera-se que todos os nórdicos sejam louros)⁽⁸⁾.

3.1. Se nos remetermos de novo aos exemplos de 2.2., verificamos facilmente que, em a) e b) a oposição manifestada pelo derivado em anti- é uma oposição concreta à entidade referencial representada por Nb (a saber, tabaco e aborto): um «herbicida antitabaco» será um herbicida que age sobre / destrói a planta tabaco; um «medicamento antiaborto» é um medicamento que se opõe / evita o processo fisiológico que dá pelo nome de aborto. Poder-se-á dizer, por outras palavras, que ao ligar-se a Nb, o prefixo anti- seleccionou a totalidade da intensão de Nb, isto é, fez uma leitura extensional dessa base.

Porém, se atentarmos nos exemplos a') e b'), rapidamente verificamos que a oposição que se estabelece no caso destes adjectivos tem um carácter completamente diferente. Assim, em «a-titude antitabaco», a oposição é manifestada, não contra a entidade referencial designada por Nb, mas sim contra o tipo de relação estabelecida na aplicação prática dessa entidade na vida corrente, designadamente, o uso abusivo do tabaco. Em b'), de novo, a oposição não é manifestada contra o processo fisiológico

em si, mas contra a atitude, o comportamento de quem voluntariamente provoca o aborto, expressa-se oposição à relação que se estabelece entre este processo fisiológico e quem o provoca. A oposição manifestada por estes derivados é uma oposição de tipo "ideológico", conceptual, em relação ao comportamento ou atitude de alguém para com a entidade designada por Nb.

Dito de outro modo, o prefixo anti- não "leu" todas as propriedades de Nb, mas apenas parte delas, as que designámos anteriormente por propriedades pragmáticas. Anti- faz, pois, uma leitura intensional das propriedades da sua base de derivação, seleccionando apenas aquelas que são relevantes para esta derivação.

Assim, verificamos que os adjectivos derivados em anti- sobre bases que designam, nomeadamente, substâncias, doenças ou processos fisiológicos são à partida polissémicos, dado que o prefixo pode fazer uma leitura extensional da base (dando origem a um derivado que exprime uma oposição concreta a uma entidade), ou uma leitura intensional, seleccionando apenas as propriedades pragmáticas da base (dando origem a um derivado que exprime uma oposição "ideológica" a um tipo de comportamento ou atitude, aquele que está relacionado com a entidade designada por Nb).

3.2. O que é que condiciona a actualização de um ou outro dos significados possíveis do derivado?

Se atentarmos nos exemplos presentes no corpus do trabalho rapidamente verificamos o seguinte:

- se o substantivo que é complementado por Ad (de agora em diante, Nr = Nome regente) designa uma entidade ou uma acção concreta, realiza-se a leitura extensional do adjectivo. Ex.: <arma antimíssil>, <vírus> ou <vacina anti-sida>, <drageias

anti-stress». O adjectivo, nestas condições, é não-graduável, assumindo as características de um adjectivo não-predicativo e o sintagma nominal (Nr + Ad) apresenta-se como uma lexia designando um hipónimo da categoria designada por Nr (ex.: uma «arma antimíssil» é um tipo de arma, um «vírus anti-sida» é um tipo de vírus, etc.).

- se Nr designa uma entidade abstracta ou uma acção de tipo intelectual, a leitura concretizada é uma leitura intensional (ex.: «campanhas» ou «luta antidroga», «campanhas anti-sida»). Nestas condições, os adjectivos admitem graduação, comportando-se como adjectivos predicativos.

3.3. O prefixo anti- revelou, então, a capacidade de fazer uma leitura extensional ou intensional das suas bases de derivação e, ao fazer esta leitura intensional, a capacidade de seleccionar da base apenas as propriedades que lhe são relevantes.

Dito de outro modo, e generalizando, cada afixo é capaz de seleccionar propriedades que para si são relevantes, construindo com elas um **protótipo derivacional** (ou um estereótipo derivacional, como veremos de seguida), isto é, um feixe organizado das propriedades que esse afixo é capaz de "ler".

Mas anti- não selecciona sempre as mesmas propriedades referenciais das suas bases. Efectivamente, as propriedades seleccionadas variam com as características semânticas dos substantivos que lhe servem de base de derivação, desempenhando estas um papel determinante na construção do significado do derivado. De um modo necessariamente breve tentarei dar conta do funcionamento da combinação destes dois factores:

Assim, no caso de Nb do tipo dos descritos, anti- seleccionou, como se viu, propriedades pragmáticas.

Quando Nb é um termo científico e/ou técnico (ex.: anti-paralelas), anti- revelou ser capaz de seleccionar as propriedades definicionais das suas bases. Os derivados tendem a nominalizar e os substantivos assim convertidos designam uma entidade com uma ou mais características simétricas das da entidade designada por Nb (ex: neutrão_N / antineutrão_N; partícula_N / antipartícula_N).

Quando Nb é um nome comum designando um indivíduo por uma das suas características (ex.: judeu_N (indivíduo praticante do judaísmo) em antijudeu, ou americano_N (natural da América ou dos Estados Unidos da América) em antiamericano), anti- revelou a capacidade de seleccionar propriedades estereotípicas. Por exemplo, um «filme antiamericano» pode ser interpretado como um filme "contra o comportamento / as atitudes que são típicas dos americanos".

Finalmente, quando a base de derivação é um nome próprio antroponímico, e se esse nome designa um indivíduo que tem um estatuto relevante para uma determinada sociedade (ex.: Marx), o seu nome passa a designar todo o sistema de ideias que a ele é normalmente associado (o marxismo). Nestas condições, anti-, associado a um Nr abstracto, é capaz de interpretar esse nome próprio antroponímico como sendo um substantivo abstracto (designando, por exemplo, um sistema político-ideológico) - «movimento» ou «reação anti-Marx (ou antimarxista)».

Um nome próprio de lugar (país, região, cidade) pode designar as instituições desse lugar ou a política praticada nesse local, o que é um processo metonímico corrente (ex.: Moscovo, para designar a política russa). O Ad em anti-, ao complementar um substantivo abstracto, irá fazer esta leitura da sua base, o

que é visível em exemplos como «protestos anti-EUA» ou «Governo de coligação anti-Phnom Penh».

Os adjectivos cuja base é um substantivo abstracto são monossémicos (cf. 2.2.). Cabe perguntarmo-nos o porquê deste facto. Ora, como abstractos que são, a intensão destes substantivos é apenas constituída por propriedades de tipo conceptual e, deste modo, anti- não pode proceder a qualquer selecção de determinadas propriedades, fazendo uma leitura de toda a intensão de Nb, isto é, fazendo uma leitura extensional da base. Logo, anti- apenas consegue fazer uma leitura da sua base, daí resultando a monossemia de Ad.

4. Recapitulando, salientarei os seguintes dados:

i. o significado de um derivado resulta da confluência dos três factores enunciados em 1.

No caso de anti-, o significado dos adjectivos derivados por meio deste afixo, resulta da soma do significado próprio da RCP que os rege (a RCP_{OPQS}), do significado das suas bases de derivação e das propriedades semânticas deste prefixo, nomeadamente a capacidade de construir protótipos ou estereótipos derivacionais diferentes conforme as características de Nb;

ii. a polissemia dos adjectivos em anti- resulta, então, da possibilidade de, na construção do significado do derivado, o prefixo poder fazer duas leituras da semântica da base;

iii. a concretização de um ou outro dos significados do adjectivo em anti- depende largamente das propriedades semânticas do substantivo que é por ele complementado, o Nr.

Uma análise do tipo da agora tão brevemente apresentada, pode parecer, numa primeira abordagem, ter um âmbito

extremamente limitado. Porém, é necessário não esquecer que, se, por um lado, esta linha de análise se encontra ainda num estágio embrionário, por outro, a sua aplicação a outros processos derivacionais promete revelar-se extremamente produtiva.

Em jeito de exemplo, ela poderá mostrar-se extremamente interessante para o estudo da construção dos nomes de qualidade de base adjectival, por meio da derivação com afixos como -ismo, -(i)dade, etc., do tipo alcoolismo / alcoolicidade.

NOTAS

(1). Esta ideia é desenvolvida CORBIN, D. et al. (a publicar) - cf. bibliografia - ao analisar as aparentes distorções entre estrutura interna e significado atestado verificadas em lunette(s), ébéniste e nos derivados em -esque.

(2). A convenção das siglas usadas é a seguinte:
RC = relação categorial; OS = operação semântica; OM = operação morfológica.

(3) Uma forma como antifascista_A corresponde efectivamente a dois homónimos estruturais, dado ela poder corresponder a uma derivação sobre fascismo_N (antifascista: "que se opõe ao fascismo"), ou sobre fascista_N (antifascista: "que se opõe ao(s) fascista(s) - indivíduo(s) partidário(s) do fascismo") (cf. CORREIA FERREIRA (1992: 161-167)).

(4). A paráfrase possível "contra o(s) comunista(s)" resulta de homonímia estrutural (cf. nota 2).

(5). Antiaborto_A e antiabortivo_A são perfeitamente equivalentes, sendo que o segundo foi submetido ao princípio de cópia, isto é, exibe um integrador paradigmático (cf. CORREIA FERREIRA (1992: 161-167)).

(6). Por exemplo, para a categoria elefante é mais relevante a propriedade "tem uma tromba" - porque é uma propriedade mais distintiva - do que, por exemplo "tem quatro patas" -porque comum a um maior número de categorias).

(7). A proposta de aplicação dos conceitos de intensão e extensão aos fenómenos derivacionais foi primeiramente apresentada em MĚLIS-PUCHULU (1991).

(8). O conceito de estereótipo é aqui apenas abordado, merecendo certamente uma melhor explicitação que, por falta de espaço, é impossível neste momento fazer.

BIBLIOGRAFIA

- CORBIN, D. (1987), **Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique**, 2 vol. Tubinga, Max Niemeyer Verlag.
- CORBIN, D. (1991), «Introduction - La formation des mots: structures et interprétations», **Lexique**, nº 10, Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 7-30.
- CORBIN, D., DAL, G., MĚLIS-PUCHULU, A., TEMPLE, M. (a publicar), «D'où viennent les sens a priori figurés des mots construits? Variations sur lunette(s), ébéniste et les adjectifs en -esque», **Verbum**, 1993.
- CORBIN, D. & P. (1991), «Un traitement unifié du suffixe -ier(e)», **Lexique**, nº 10, Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 61-45.
- CORREIA FERREIRA (1992), **A formação dos adjectivos em anti- em português**, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível.
- KLEIBER, G. (1990), **La sémantique du prototype - catégories et sens lexical**, Paris, Presses Universitaires de France.
- MĚLIS-PUCHULU, A. (1991), «Les adjectifs dénominaux: des adjectifs de "relation"», **Lexique**, nº 10, Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 33-60.